

INGLATE RRA

4

PESQUISA EDUCACIONAL NO REINO UNIDO

Dr. J. A. Lauwers

Trad. Paulo Mendes Campos

PESQUISA EDUCACIONAL NO REINO UNIDO

1. Nota Histórica

Atualmente, a expressão "pesquisa educacional" adquiriu um sentido bastante estreito e técnico. É em geral aplicado a inquirições, dirigidas ou planejadas por profissionais especializados, com um objetivo de análise ou elucidação de um problema bem especificado e restrito. Nesse sentido, naturalmente, na Inglaterra como em qualquer outra parte, a pesquisa educacional é uma questão do século XX. Foi só no romper deste século que se criaram Departamentos de Educação em nossas Universidades. Foi só nos últimos 50 ou 60 anos que tivemos homens e mulheres cujo ofício era estudar a teoria da educação, tentar compreender por que as coisas eram como eram, em vez de dirigir escolas ou sistemas educacionais.

Não obstante, são mais profundas as raízes de nosso interesse em investigações objetivas, até mesmo científicas, de problemas educacionais. Durante o século XIX, homens como Matthew Arnold ou Michael Sadler estudaram cuidadosamente sistemas do Continente europeu (por exemplo, na França ou na Alemanha) e relataram de maneira imparcial suas apurações. Os seguidores de Herbart e Froebel - e também de Rousseau - observaram com zelo e carinho o comportamento de crianças. Historiadores registraram a evolução do sistema educacional. Em suma, foram esses os primórdios da pesquisa da história e da psicologia da educação, assim como da educação comparada.

Em metodologia, também, encontramos trabalhos que vêm sendo feitos há mais de 50 anos, o que constitui evidentemente "pesquisa". Na primeira década do nosso século, por exemplo, o Prof. H. E. Armstrong descrevia seu "Método Heurístico" e registrava os resultados de experiências em ensino realizadas com sua supervisão. Sir Percy Nunn, Professor de Educação em Londres, escreveu seu notável tratado sobre "Ensino de Álgebra", que se baseava em pesquisas meticolosas da história e da lógica da matemática, e que demonstrava como esses fatores podiam influenciar os métodos de ensino. Benchara Brandford publicou seu "Estudo da Educação Matemática".

2. O Período Entre-Guerras

A primeira Guerra Mundial causou uma interrupção e marcou uma época. Despertou o interesse em educação e fortificou os grupos que reivindicavam "igualdade de oportunidade educacional". A volta à paz provocou um considerável acréscimo na soma total de educação proporcionada no Reino Unido - e sobretudo na soma total de educação secundária seletiva (i.e., curso ginásial) com ônus reduzido para os pais.

Isso criou, ou pelo menos tornou mais difícil, o problema do critério pelo qual crianças capazes ou talentosas deviam ser selecionadas para "bolsas" ou "lugares grátis" nessas escolas secundárias. Como decidir quais as crianças da classe operária ou da pequena burguesia deviam ter a oportunidade de promoção às classes profissionais? Tomar como base o velho tipo de exame (ensaio) parecia insatisfatório. Isso oferecia vantagem demais aos filhos de "boas" famílias. A opinião de muitos era de que se devia tentar reduzir o efeito na contagem de pontos de um ambiente favorável e ter em mira a descoberta de "capacidade intelectual inata". Além disso, naturalmente, o tipo tradicional de exame era criticado sob a alegação de que se apoiava excessivamente no julgamento instável do examinador - que carecia de objetividade.

Os dez anos que se seguiram ao Armistício de 1918 viram a popularização gradual dos testes de "Objetivo de Novo Tipo", semelhantes aos desenvolvidos nesse mesmo período nos Estados Unidos. Na ocasião, Ballard, com seu "Novo Examinador" e com sua simples e coerente pesquisa - sobretudo do ensino de aritmética - representou um papel de suma importância. Mas o líder do "movimento", em certo sentido o fundador da "pesquisa de psicologia educacional" na Inglaterra, foi indubitavelmente Cyril Burt (agora, Sir Cyril Burt).

Burt era - e felizmente ainda se acha entre nós - um homem do mais penetrante e perceptivo discernimento, um erudito de verdadeira eminência, versado não só na história da psicologia, mas nos campos mais amplos de filosofia científica. Por volta de 1920, o Conselho do Condado de Londres contratara-o como consultor em Psicologia. Ele enfrentava os problemas das escolas, muitas delas situadas nos bairros pobres da Capital. Isso o levou a pesquisas pormenorizadas, que, eventualmen

te, foram publicadas em tratados magistrais sobre "O Jovem Delinqüente" a "A Criança Retardada".

Burt acumulava seus deveres no Conselho com os de professor de Psicologia Educacional no Instituto de Educação da Universidade de Londres (então denominada "London Day Training College"). Assim ficou capacitado a planejar e supervisionar toda uma série de pesquisas realizadas por estudantes, muitos deles professores trabalhando para conseguir grau superior. Depois de 1928, o volume dessas pesquisas se tornou impressionante. Deve-se notar que Burt tinha contatos pessoais e profissionais com uma constelação de homens notáveis, como Spearman e R.A. Fisher. Além do mais, em 1932, tornou-se professor de Psicologia da Escola Universitária, de Londres - onde Karl Pearson tinha lecionado. Assim, mergulhou em uma tradição que conduzia naturalmente à aplicação de técnicas estatísticas de investigação psicológica. Os interesses predominantes da época eram: a) o desenvolvimento de testes "objetivos" em atitudes, aptidões, realizações, etc., isto é, testes tais que os resultados obtidos pudessem ser facilmente tratados por meio de métodos estatísticos; b) o desenvolvimento de testes de inteligência, que iriam auxiliar administradores a designar os alunos mais capazes para as escolas secundárias seletivas; c) o desenvolvimento de uma teoria de inteligência, que veio a ser especialmente associada com Londres.

No Instituto de Educação, Burt foi substituído por H. R. Hamley, cujo trabalho seguia as mesmas diretrizes. Nos 15 anos seguintes, um grande número de estudantes graduados trabalhou sob sua direção, especialmente na área da psicometria. Essas pesquisas se referiam a tópicos tais como a elaboração de testes de inteligência para ex. gr. países asiáticos; testes para medir atitudes relativamente a várias matérias escolares; testes objetivos destinados a comparar a eficácia de diferentes métodos de ensino; investigações sobre o valor de instrução visual (cinema, etc.) ou rádio. Em todas as instâncias, foram criados e empregados engenhosos métodos estatísticos para apurar a validade e significação dos resultados.

Na Escócia, deu-se um movimento mais ou menos paralelo sob a supervisão de um brilhante matemático e investigador, Sir Godfrey Thompson de Moray House, Universidade de Edimburgo.

Ali também, problemas de distribuição de alunos nas diferentes espécies de cursos secundário deixavam perplexos administradores e professores. Assim, ali também, havia uma concentração em problemas de avaliação de inteligência e realização, juntamente com uma grande confiança em técnicas estatísticas. Todo esse trabalho era fortemente apoiado pelo Conselho (nacional) Escocês de Pesquisa Educacional, órgão que não só elaborava testes de inteligência como efetuava estudos sobre o ensino de aritmética e matemática - matérias escolares particularmente adequadas às técnicas de investigação empregadas.

Não pode haver dúvida de que essa maneira de encarar o problema predominou nas décadas de 1930 e 1940. Mas seria errôneo supor que não se estava efetuando nenhuma outra espécie de pesquisa na Inglaterra, naquela ocasião. Alguns exemplos escolhidos ao acaso ilustram o que ficou dito acima:

a) - King's College, de Londres, tem uma esplêndida tradição de pesquisa da História da Educação - datando do tempo de Adamson e mantida por Dover Wilson, Cavenagh, Judges e Beales. Aplicam-se cada vez mais técnicas modernas de pesquisa histórica. Foi publicado um grande compêndio e, em consequência, modificaram-se drasticamente as idéias sobre a história da instrução britânica.

b) - Um volume impressionante de pesquisas na área da Educação Comparada foi produzida por estudiosos como Sir Fred Clarke, Nicholas Hans, Munford, Schairer. Grande parte desse trabalho tratava de problemas asiáticos e africanos - uma consequência natural do crescente interesse por aqueles continentes e do estabelecimento em Londres de um grande e poderoso departamento especializado em problemas educacionais de países tropicais e subdesenvolvidos.

c) - Projetos especiais tratavam exaustiva e objetivamente de problemas significativos. Meticulosos métodos de pesquisa eram empregados para testar e avaliar os resultados, e.g. com a supervisão de Sir Philip Hartog, a investigação sobre a validade de exames e a confiança que se podia ter neles ou as inquirições especiais quanto ao ensino do inglês como língua estrangeira e a elaboração de testes de vocabulário.

3. Depois da Segunda Guerra Mundial

O fim da guerra, juntamente com intenso interesse em educação, criou condições favoráveis a uma rápida expansão dos Departamentos de Educação Universitária, bem como aumentou a profissionalização de suas atividades. A soma total de investigações e pesquisas originais cresceu prodigiosamente de ano para ano.

O número de professores de Educação em Universidades aumentou sensivelmente (*). Em Londres, por exemplo, o número aumentara de três para seis, e na maioria das outras universidades de um para dois. Cada um desses professores organizou um departamento e promoveu pesquisas. O resultado tem sido uma acentuada expansão do âmbito de trabalho e relativo decréscimo na importância proporcional da psicologia métrica.

É provavelmente justo dizer que essa tendência tem sido apoiada por um crescente ceticismo relativamente ao valor dos resultados obtidos pela aplicação de técnicas estatísticas a problemas educacionais. As razões são provavelmente as seguintes:

a) - Apesar de um imenso investimento de esforço e tempo em pesquisa estatística psicológica, os resultados efetivos obtidos parecem quase ridiculamente desproporcionados. É difícil encontrar exemplos em que se possa dizer "este método é certamente melhor do que aquele". Ou apontar problemas que tenham sido solucionados a contento de todo mundo;

b) - além do mais, em uma quantidade de casos, pesquisas posteriores demonstram exatamente o oposto do que as anteriores haviam provado (ex.gr. Experiência I demonstra que o Método A é superior ao Método B; Experiência II demonstra a superioridade do Método B sobre o A). Cf. as provas acumuladas que a prática

(*) O termo "Professor" significa na Inglaterra o chefe de um departamento independente, que trata de um determinado ramo de ensino. Em geral o professor é assistido por uma equipe de prelecionadores graduados, prelecionadores e assistentes. Em ramos de instrução, a proporção de professores para equipes é da ordem de um para doze ou mais. Assim, há muito mais pesquisadores profissionais, dedicando todo seu tempo a esse trabalho, do que se poderia presumir pelo número total de professores.

em lidar com testes de inteligência resulta numa melhora de até 10% e mesmo 15% nos pontos obtidos por certos alunos;

c) - Tem-se difundido a opinião de que o campo está temporariamente esgotado - que a lei de rendimentos decrescentes está funcionando;

d) - muitos julgam que problemas urgentes, importantes, significativos, não podem ser abordados por métodos tais como os comumente usados; e o método não deve ditar o objetivo. Pelo contrário, devem ser criados métodos adequados de investigação de acordo com a natureza do problema abordado - e não vice-versa.

Inútil dizer que essas declarações são opiniões pessoais, as quais seriam certamente repudiadas por psicólogos educacionais. Convém notar dois outros fatores:

a) um interesse cada vez mais amplo e profundo no ponto-de-vista sociológico sobre todos os problemas educacionais. Esse interesse impregna o quadro todo;

b) - uma tendência a associar professores em exercício com processos de pesquisa. Isso implica em investigar problemas intimamente ligados com a escola e a sala de aula, ex.gr. currículo, métodos de ensino, disciplina, etc.. Mas implica também em utilizar técnicas muito simples, rudimentares mesmo, de investigação, e contentar-se com generalizações superficiais, a indicação de tendência, declarações conjecturais.

Uma instituição potencialmente poderosa foi criada em fins da década de 1940: a Fundação Nacional de Pesquisa Educacional, custeada pelas Autoridades Públicas. Seus contatos com administradores levaram-na naturalmente a concentrar sua atenção em problemas de interesse para os administradores, ex.gr. testes de inteligência e de seleção para o primeiro exame que distribui alunos pelos vários tipos de escolas secundárias. Mas a Fundação, que emprega profissionais full-time, tem investigado também problemas mais amplos, tais como incentivos, prêmios e punições. Certamente, suas atividades irão expandir-se em âmbito e volume.

4. A Posição Atual

Na Inglaterra, a pesquisa educacional é realizada principalmente pelas seguintes instituições:

- a) - Mais importantes são os 23 Departamentos de Educação Universitária. Cada um deles tem uma Seção Avançada sob controle direto dos professores, em que um número considerável de estudantes graduados (trabalhando o dia inteiro ou parte do dia) preparam teses para diplomas de pesquisa. O maior é o de Londres, que produz entre um terço e metade de todo o trabalho de pesquisa realizado na Inglaterra (mais de 200 estudantes), mas todas as Universidades estão dando contribuições significativas.
- b) - A Fundação Nacional de Pesquisa Educacional e a Fundação Escocesa de Pesquisa Educacional.
- c) - Os "Centros de Professores" ligados a Institutos de Educação, que promovem pesquisas entre professores em exercício.
- d) - Algumas autoridades locais em educação empreendem inquirições.
- e) - Alguns órgãos profissionais, ex.gr. a B.B.C. (British Broadcasting Corporation), o Instituto Britânico Cinematográfico, a Fundação Florence Nightingale empreendem pesquisas de problemas científicos, ex. gr. ensino por rádio ou filme; instrução de enfermagem. Esses órgãos geralmente se consultam com os Departamentos Universitários.

Com referência às diversas áreas de Estudo Educacional:

a) - Psicologia Educacional

- I) O trabalho em psicologia métrica (estatística) procede vigorosamente. Estão sendo planejados novos testes, investigados problemas especiais, comparados os métodos, etc. - todo esse trabalho em linhas já bem estabelecidas.
- II) Novos desenvolvimentos incluem numerosos estudos em áreas de psicologia social e dinâmica de grupo; sociometria; aplicações de sociodrama e psicodrama, estudos de preconceitos, relações inter-raciais, e assim por diante.

- III) O trabalho em progresso inclui a aplicação de técnicas psicoanalíticas ao estudo do comportamento da criança. Até certo ponto essas pesquisas seguem as trilhas anteriormente adotadas por Susan Isaacs.
- IV) Está-se realizando um volume considerável de trabalhos na investigação dos melhores meios de se lidar com crianças prejudicadas (ex.gr., as surdas, em Manchester); crianças desajustadas ou subprivilegiadas.

b) - Sociologia de Educação

Este ramo da pesquisa educacional manteve-se em atraso por muito tempo, graças ao apoio de Sir Fred Clarke e de Karl Mannheim, está agora desenvolvendo-se ativamente. Há dois ramos principais:

- I) Filosófico e teórico, seguindo a linha divulgada por Karl Mannheim e outros. Isso inclui interpretações sociológicas da história da educação na Grã-Bretanha.
- II) Estudos empíricos - tais como, por exemplo, a inquirição em grande escala efetuada em Londres, com o apoio da Fundação Nuffield, sobre ambiente social, origens sociais, sistema de vida, condições de recrutamento e treino do professorado.

c) - História da Educação

Estudos objetivos grandemente pormenorizados, baseados em fontes de primeira mão, do desenvolvimento de instituições particulares, juntamente com uma avaliação das forças que determinaram seu desenvolvimento; bem como estudos pormenorizados de aspectos da educação inglesa: ex.gr. o desenvolvimento da educação comercial ou da educação técnica. Novos aspectos dignos de menção: 1) crescente apoio em fontes originais; 2) crescente atenção a fatores sociológicos.

d) - Filosofia da Educação

- I) Alguns estudos sobre o desenvolvimento de idéias educacionais e seu impacto na prática;
- II) Aplicação de novos movimentos filosóficos (ex.gr., análise de linguagem, positivismo, etc.) à análise de objetivos e práticas educacionais.

e) - Educação Comparativa

Uma área de estudo em rápido desenvolvimento. O trabalho é feito sobretudo sob três aspectos:

- I) A aplicação de métodos comparativos à elucidação dos determinantes do sistema educacional, ex.gr., a influência da educação sobre o desenvolvimento econômico; a situação do professorado como profissão; as finanças da educação. Aqui, o Year Book of Education (Londres e Columbia, New York) representa um papel central.
- II) Estudos analíticos da história da educação em determinados países, ex.gr. Bahamas, Ceilão, Alemanha, França, Dinamarca, Índia. O objetivo é descobrir porque as coisas são como são e por que motivo aconteceram assim.
- III) Estudos sobre a função da educação em países subdesenvolvidos, ex.gr. desenvolvimento de comunidade na África.

Um desenvolvimento especialmente importante, iniciado a através do Year Book of Education de 1954 é o estudo da Economia da Educação. Uma associação internacional neste campo, patrocinada pela OEEC, iniciou-se recentemente. A Fundação Ford tem um departamento especial para estudar a questão. Diversos Governos nacionais estão demonstrando interesse e preocupação marcantes.

f) - Metodologia de Ensino

- I) Estudos no currículo de escolas; pesquisas comparativas do valor de diferentes métodos de ensino; estudos das maneiras pelas quais meios populares, televisão, rádio, filme, podem ser mais rendosamente aplicados.
- II) Um grande trabalho está sendo feito na investigação de métodos de ensino do inglês como língua estrangeira. Uma boa parte disso vem da aplicação de teoria linguística geral e de investigações modernas da estrutura e função da linguagem.

5. Conclusão

Torna-se evidente que uma vasta e crescente quantidade de pesquisa objetiva está sendo efetuada na Grã-Bretanha. Calculando-se por alto, pode-se dizer que talvez 100 teses de

pesquisa aparecem anualmente, cada qual representando entre dois e quatro anos de trabalho de um especialista habilitado. Possivelmente, uma quarta parte dessas teses pode ser considerada como genuínas e valiosas contribuições para nossa compreensão da teoria e prática educacionais.

Há umas poucas gerações, escolas, como as oficinas, eram unidades pequenas e isoladas com um corpo docente de artesãos. Experiências podiam ser tentadas sem perigo: o custo de um fracasso era pequeno. Mestres geniais - um Basedow, um Pestalozzi, um Arnold - podiam ser copiados por outros. Mas tentar a reforma de nosso excessivamente complexo e altamente integrado sistema nacional moderno é um empreendimento mais arriscado do que o reequipamento de uma indústria de aviação para a produção de uma nova espécie de avião. É preciso mais do que compreensão intuitiva. O que os organizadores e administradores educacionais necessitam é da espécie de informação baseada em pesquisas com que pode contar um moderno fabricante.

Existem, todavia, duas atitudes muito difundidas que estorvam o crescimento e desenvolvimento de relevantes e significativos trabalhos de pesquisa educacional. Em um extremo, encontram-se antiquados educacionalistas "metafísicos e filosóficos", argumentando que a instrução é demasiado complicada e individualizada para ser susceptível à investigação científica. Desconfiam da análise fria, preferindo floreadas declarações de opinião, apoiadas em dúvidas, obscuras e dogmáticas afirmativas e apelos à "tradição". No outro extremo, ficam os que aceitam o velho e desgastado ponto-de-vista do século passado sobre a natureza da ciência - um ponto-de-vista agora abandonado por lógicos, físicos, químicos e biólogos.

Esta qualidade de dogmatismo é bastante comum entre psicólogos educacionais, dos quais bem poucos tiveram contato íntimo com ciências físicas ou naturais. Acreditam como Lord Kelvin, esse grande físico do século passado, que um tema não pode conter mais ciência do que matemática. Tendem, portanto, a presumir que a única "verdadeira" pesquisa educacional é que se apóia em estatísticas e comprova através delas suas conclusões.

Isso significa permitir que os métodos dominem os objetivos, que meios determinam fins. É evidente que técnicas ma-

temáticas e estatísticas devem ser aplicadas onde quer que possam ser úteis. Mas nenhum filósofo da ciência apóia agora a noção de que, a não ser que sejam empregadas tais técnicas, o tratamento não é científico. Grandes áreas de química, botânica, zoologia, geologia foram muito bem organizadas sem o uso da quêle instrumento específico. O que distingue o estudo científico do não-científico não é se estatísticas foram empregadas - mas, antes, a espécie de provas aduzidas para apoiar ou negar as afirmações feitas. A ciência não apela para o dogma, a autoridade ou a tradição. Baseia-se na apresentação de credenciais que, pelo menos em princípio, qualquer um pode averiguar. O apêlo é às provas publicamente disponíveis, não a asserções pessoais. Êste ponto deve ser frisado, pois em certas recentes conferências internacionais, supostamente sôbre "pesquisa educacional", os convidados a participar delas eram na maioria psicólogos educacionais interessados em psicométria e estatística. É irônico que se tente agora importar para a pesquisa educacional um ponto-de-vista obsoleto da natureza da ciência, precisamente no momento em que está sendo abandonado por lógicos, físicos, etc..

A matemática é uma linguagem, e deve ser usada quando e onde se pode. Mas é uma linguagem incompleta, ainda em formação. Seria de pouca visão recusar comunicar conhecimentos simplesmente porque no momento não se pode traduzí-los em matemática. Ou, em outras palavras: a matemática é a chave da verdade, mas não é a única chave. O relato analítico acima do desenvolvimento da pesquisa educacional na Grã-Bretanha durante o século passado, demonstra claramente que a aceitação generalizada da noção de que a pesquisa educacional é simplesmente "pesquisa estatística e psicológica", e nada mais, constitui, em certo sentido, um acidente histórico. Aconteceu que os problemas mais intrincados da década de 1920 eram precisamente os que necessitavam dessa espécie de tratamento. Isso não é mais verdade.

Encarar a questão de qualquer outra maneira seria condenarmo-nos à esterilidade. Devíamos continuar corajosamente a identificar os problemas importantes e significativos com que se deparam organizadores, administradores, professores, pais e crianças. E então, resolutamente, deveríamos tentar aplicar nesses problemas os instrumentos de investigação e análise que

estão à mão - quer sejam êles estatísticos, históricos, sociológicos, psicológicos, comparativos ou filosóficos. O importante é a elucidação de questões, o esclarecimento de problemas, a avaliação de métodos, de uma maneira concreta, não dogmática.

Devíamos procurar aumentar o quanto possível os elementos científicos em nosso pensamento e diminuir a influência do que é folclórico.

Considerem-se grandes planos de ação, tais como expansão de facilidade universitária, financiamento dos vários estágios da instrução, promoção de educação adulta, prolongamento de estudos compulsórios, desenvolvimento de treino tecnológico de nível superior, desenvolvimento e aplicação dos meios de comunicação em massa, organização dos estágios intermediários do estudo, educação de crianças de inteligência acima da média, e assim por diante. Em todos êsses campos, importantes decisões terão de ser tomadas nestes próximos anos. Na maioria das vezes, não existe uma maneira fácil de aplicar técnicas estatísticas à análise dos problemas que surgem. Devemos então nos recusar a estudar sequer êsses problemas; por causa do apêgo a um ponto-de-vista especialmente estreito sôbre de que se constitui a pesquisa? Não seria preferível voltarmos nossos esforços para o estudo objetivo, imparcial e desapaixonado das forças e tendências que devem ser levadas em conta pelos organizadores? As ciências físicas progrediram muito precisamente porque aquêles que as praticam nunca se sentiram atados aos métodos utilizados pelos seus predecessores. Voltaram-se para os problemas que os interessavam e inventaram métodos adequados às investigações de que dispunham - usando o nariz, os olhos e os ouvidos quando faltavam outros instrumentos, usando matemática, onde podiam, e no resto, linguagem descritiva.

O total de contribuições da pesquisa educacional no presente século é notável. Temos uma compreensão muito melhor do que tínhamos das maneiras pelas quais as criaturas humanas aprendem, das motivações que induzem ao esforço, dos mecanismos subconscientes da inteligência. Sabemos como medir por alto uma variedade de capacidades humanas e desenvolvemos proficiência na construção de uma grande variedade de testes. Nossos colegas filosóficos nos ajudaram a esclarecer nossas finalidades

e a idear meios de determinar o critério pelo qual devemos avaliar nosso êxito. Historiadores, sociólogos e educadores comparativos ajudaram-nos a compreender os determinantes do sistema educacional. Tais realizações resultaram numa muito melhor compreensão da natureza das questões que enfrentamos e em uma mais clara apreensão de ambas as forças e limitações da escola e do processo educacional. Há sólidos motivos para esperar que, com a passagem do tempo, possamos aprender a avançar com menos hesitação e como maior certeza de alcançar metas atingíveis.

/ma.